

A “MISSÃO” DE FRANCISCO DE ASSIS E O SULTÃO AL-MALIK AL-KAMIL: A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA DIALÓGICA FRENTE O ISLÃ MEDIEVAL

THE “MISSION” OF FRANCIS OF ASSISI AND THE SULTAN AL-MALIK AL-KAMIL: THE CONSTRUCTION OF A DIALOGICAL POLITICS AGAINST MEDIEVAL ISLAM

Gustavo da Silva Gonçalves¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O artigo faz uma reflexão sobre o encontro que envolveu Francisco de Assis e o sultão al-Malik al-Kamil. Na Quinta Cruzada (1217-1221), acredita-se que o frade desempenhou um importante papel na construção de uma “política dialógica”, sendo esta uma forma de conquista diferente dos embates militares. Também se teoriza sobre as práticas retóricas desenvolvidas no período para melhor precisar esta noção, cujo exame se dirige especialmente – mas não se restringe – às práticas dirigidas nas comunas italianas. Conclui-se que a missão de Francisco é mais bem compreendida a partir de sua própria historicidade, ou seja, que a noção de política e de diálogo necessita de uma abordagem específica àquele tempo histórico. Significa, portanto, que uma suposta dimensão “pacífica” levada a cabo por Francisco é devidamente analisada se considerada de forma crítica e histórica.

Palavras-chave: Francisco de Assis – Cruzadas – política dialógica.

Abstract: The article makes a reflection about the encounter which involved Francis of Assisi and the Sultan al-Malik al-Kamil. In the Fifth Crusade (1217-1221), it's believed that the friar played a key role in the construction of a “dialogical politics”, which is a different form of achievement of military clashes. Also is theorized about the rhetoric practices developed in the period to better precise this notion, whose examination is directed specially, but not restricted, at the practices conducted in the Italian communes. It's concluded that Francis' mission is better understood from his own historicity, that's to say, that the notion of “politics” and “dialogue” needs a specific approach to that historical time. It means, therefore, that an alleged “peaceful” dimension carried out by Francis of Assisi is duly analyzed if considered in a critical and historical way.

Keywords: Francis of Assisi – Crusades – dialogical politics.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atualmente mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação de prof. Dr. Igor Salomão Teixeira. Bolsista CAPES. E-mail para contato: gussgoncalves@gmail.com.

1. Introdução.

Canonizado em 1228 pelo papa Gregório IX mediante a emissão da bula *Mira Circa Nos*, pode-se afirmar, com certa segurança, que Francisco de Assis (1182-1226) é um dos santos mais reverenciados pela Igreja. Junto com seus companheiros, o frade construiu uma das ordens mais bem-sucedidas em seu período, no caso, a Ordem dos Frades Menores (OFM). Sua popularidade, para além da reverência e devoção, também pode indicar as constantes reapropriações do passado realizadas no presente. De tal forma, os atos de rearranjos e evocações da santidade de Francisco apresentam distintas e múltiplas dimensões políticas².

Ao ser designado ao posto mais elevado da Santa Sé em 2013, o arcebispo da catedral de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, elencou as possíveis razões que o levou a adotar o nome de Francisco para seu pontificado. Em suas palavras,

Quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, por que estava eleito o papa. Ele [o Cardeal Cláudio Hummes] me abraçou e disse: "Não te esqueças dos pobres!". E aquilo ficou gravado na minha cabeça. Pensei em Francisco de Assis, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos: Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome em meu coração: Francisco de Assis. *Pra mim, é o homem da pobreza, da paz, que ama e preserva a Criação. Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!*³

Como se identifica, a escolha desta denominação se vinculou a um propósito de Igreja, que se voltaria aos mais carentes e marginalizados, tal como Francisco de Assis teria preconizado na Idade Média.

Recentemente o sumo pontífice, entre os dias 28 e 29 de abril de 2017, realizou uma viagem apostólica ao Egito, defendendo a paz e o diálogo na região. Em suas palavras,

Assim, no verdadeiro sentido, podemos chamar-nos, uns aos outros, irmãos e irmãs (...), dado que, sem Deus, a vida do homem seria semelhante ao firmamento sem o sol». Que se levante o sol duma renovada fraternidade em nome de Deus e surja desta terra, beijada pelo sol, o alvorecer duma civilização da paz e do encontro. Interceda

² Como exemplo mais imediato, o papa Pio XI assinalou que "Nunca houve ninguém em quem a imagem de Jesus Cristo [...] surgiu de forma mais realista e impressionante do que em São Francisco." – PAPA PIO XI. **Rite Expiatis**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_30041926_rite-expiatis.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

³ BERGOGLIO, Jorge. **Devocional com Papa Francisco: Meditações diárias para uma vida com Deus**. São Paulo: Fontanar, 2016, p. 35, grifos nossos.

por isto mesmo São Francisco de Assis, que, há oito séculos, veio ao Egito e encontrou o Sultão Malik al Kamil⁴.

Pode-se apontar alguns pontos deste excerto que remetem às proposições de Francisco de Assis, como o pensamento de “princípio único” de toda criação, mas também a um suposto pensamento pacífico que se atribui ao frade. De tal forma é possível afirmar que a menção ao *Poverello* neste contexto não foi involuntária: após distúrbios que levaram à queda do presidente Hosni Murabak, o que deu início ao movimento conhecido como “Primavera Árabe”, a instabilidade política se perpetuou na região. Em tal contexto belicoso, a Santa Sé almejava a resolução pacífica de conflitos. Não por menos que o papa ainda afirmou que o país contribuiria para “desenvolver processos de paz para este povo amado e para toda a região do Médio Oriente.”.

No âmbito historiográfico, o tema da paz e da concórdia buscada por Francisco de Assis foi tema da obra produzida por Paul Moses, professor de jornalismo no *Brooklyn College*. Ao tratar o encontro de Francisco de Assis e o Sultão al-Malik al-Kamil e publicado em 2010, o livro foi vencedor do *Pulitzer Prize*, além de ter sido premiado pela *Catholic Association Book Award for History*. O autor, para além de visar obter a “real história de Francisco e do Sultão”⁵, argumenta que o livro é sobre “como um homem tentou – a sua maneira, parar este ciclo de violência”, na tentativa de conversão do Sultão à Cristandade.

Sua justificativa partiu de uma preocupação contemporânea: as relações com os muçulmanos após os ataques ao World Trade Center, ocorrido em 11 de setembro de 2001. Referências às Cruzadas reemergiram neste cenário: exemplo disso foram as declarações do general estadunidense Donald Rumsfeld⁶ e de Osama Bin-Laden⁷.

Por conta do contexto em que a obra foi produzida, julga-se que o esta exerceu, em certa medida, o papel de uma “nova política da Idade Média” proposto por Julia McClure, que visou compreender a função da História, e mais precisamente

⁴ PAPA FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos participantes na Conferência Internacional em prol da paz.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papafrancesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

⁵ MOSES, Paul. **The Saint and the Sultan: The Crusades, Islam, and Francis of Assisi's Mission of Peace.** Nova Iorque: Doubleday Religion, 2009, p. 4.

⁶ BBC News. **US is 'battling Satan' says general.** Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/3199212.stm>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

⁷ THE NEW YORK TIMES. **THREATS AND RESPONSES; Bin Laden's Message to Muslims in Iraq: Fight the 'Crusaders'.** Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/02/15/world/threats-and-responsesbin-laden-s-message-to-muslims-in-iraq-fight-the-crusaders.html?mcubz=3>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

da Idade Média, a partir das ressignificações realizadas pelos diferentes grupos em análise. A análise da autora se centrou nas formas em que os grupos se valem de eventos passados para agir em uma condição presente, almejando diferentes propostas em um futuro ainda não concretizado⁸.

Outro exemplo desta visão pacificadora sobre este encontro pode ser mencionado. O prefácio da obra *Francis of Assisi: A Revolutionary Life*, escrito por Karen Armstrong, também apresenta uma visão “romântica”, por assim dizer, da missão desempenhada por Francisco de Assis. No entender da autora, “durante as Cruzadas, Francisco alcançou o mundo muçulmano com respeito, aparentemente transcendendo o ódio e a rivalidade que tão frequentemente afligia a religião institucionalizada”⁹. A partir deste fragmento questionamos: o que significa o respeito para o período, mas também os próprios atos de Francisco que supostamente possibilitariam uma superação do mútuo ódio que envolveu cristãos e muçulmanos?

Entendemos as motivações que levaram às redações das obras foram importantes e necessárias para o ofício do historiador, se considerarmos que os historiadores e suas obras estão imersos em um dado contexto, em um projeto social¹⁰. Ao lado disso, os trabalhos selecionados indicam a tentativa de compreensão do “outro” em uma perspectiva que teria assegurado a paz mútua, dando especial ênfase à atuação realizada por Francisco de Assis. Em todo caso, erram ao pouco problematizar o papel dos fins desejados na tentativa de pacificação atribuída ao frade, não refletindo também sobre o próprio conceito de paz praticado em tal período histórico.

Francisco de Assis e a Ordem dos Frades Menores exerceram um importante papel na espiritualidade do século XIII. Se, por um lado, não se pode desconsiderar os movimentos mendicantes precedentes à experiência franciscana¹¹, é indubitável pensar o *Duecento* italiano sem a experiência dos seguidores do *Poverello*. A Igreja moldou e foi moldada pela Ordem, em um processo dialético que causou disputas e

⁸ MCCLURE, Julia. A New Politics of the Middle Ages: A Global Middle Ages for a Global Modernity. **History Compass**, vol. 13, n. 11, 2015, p. 610-619.

⁹ “During the Crusades, Francis reached out to the Muslim world with respect, apparently transcending the self-righteous hatred and rivalry that so frequently afflicts institutional religion”. Cf. AMSTRONG, Karen. Foreword. In: HOUSE, Adrian. **Francis of Assisi: A Revolutionary Life**. Hiddenspring: Nova Jersey, 2001, p. 9.

¹⁰ FONTANA, Josep. **Historia: análisis del pasado y proyecto social**. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1982.

¹¹ THOMPSON, Augustine. The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe. In: PRUDLO, Donald. (org.). **The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies**. Leiden: Brill, 2011, p. 1-30.

tensões. Isso, como bem assinalou Jacques Dalarun, não torna Francisco de Assis como um “cripto-herético”¹²: ao contrário, ele jamais ousou romper com a Igreja; esta era, para o frade, a pedra fundante de todo o existente. Suas ações estavam condicionadas pela Sé Apostólica, sendo um servo desta, pois não seria esta fundada a partir das palavras de Jesus Cristo?¹³

Desta forma, o presente artigo visa realizar uma análise crítica do encontro que se deu entre Francisco de Assis e o Sultão al-Malik al-Kamil, possivelmente ocorrido em 1219, durante a Quinta Cruzada (1217 – 1221). Na primeira parte será discutida, de modo preliminar, o que entendemos por “política dialógica”. Acreditamos que esta noção necessite de maiores delimitações e aprofundamentos, vinculando-a com a importância da pregação, dos sermões e da retórica para o período.

Por fim se analisa o papel de Francisco de Assis frente às Cruzadas, discutindo sobre a construção da política dialógica, que não foi necessariamente “pacífica”, frente ao Sultão, e a importância desta missão para a Sé Apostólica na retomada de territórios outrora pertencentes aos “inimigos da cristandade”.

2. Proposições teóricas: Definindo a “política dialógica”.

Na introdução do livro “Contribuição para a Crítica da Economia Política”, Karl Marx alertou-nos que é somente mediante a sociedade que o homem – entendido aqui como um ser genérico, que se pode individualizar. Ele é um *zoon politikon*, um animal político¹⁴. Em certo modo, a assertiva do filósofo alemão se aproxima àquela realizada pelo historiador Tony Judt. Em seu entender, ao defender que a história, ao ser política, refere-se aos “sentidos e propósitos pelos quais a sociedade civil é organizada”, não se limita à esfera “parlamentar” ou “eleitoral”¹⁵. Desta forma, é no social que ocorre a manifestação do político. Mas o que isto representa para a Idade Média?

¹² DALARUN, Jacques. **A vida descoberta de Francisco de Assis**. Tradução de Igor Salomão Teixeira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015, p. 21.

¹³ “E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque tu não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”.

¹⁴ MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 239.

¹⁵ JUDT, Tony. A Clown in Regal Purple: Social History and the Historians. **History Workshop Journal**, Vol. 7, n. 1, 1979, p. 68.

Alain Guerreau criticou a falta de crítica dos medievalistas ao utilizarem indiscriminadamente diferentes conceitos, sendo “política” um dos elencados pelo historiador¹⁶. Por conta disso, a advertência de Ana Isabel Carrasco Manchado é de extrema importância neste quesito: “caso se assuma que todo poder é político (ou que a política equivale a qualquer relação de poder), portanto, o poder político *existiria como um contínuo universal que estaria fora da análise histórica*”¹⁷. Em outras palavras, é iminente a necessidade de historicização do conceito de “política” para a Idade Média, vinculando-o com as condições materiais e objetivas do período. Antes de se partir de uma noção *a priori* de um dado conceito, é preferível analisar as relações sociais que o forjou, entendendo-as em suas dinâmicas e processualidades.

Uma conclusão preliminar pode ser realizada: a política não se limita às dimensões institucionais de uma sociedade. Ao lado disso, pode-se apontar que a análise deve se vincular ao social em suas relações e conexões específicas¹⁸. Nesse sentido que é possível concordar com o medievalista Marcelo Cândido da Silva que, ao analisar o atual estado dos estudos medievais no Brasil, mas também no exterior, o autor afirmou que houve uma transformação nas pesquisas desenvolvidas. Em seu entender, “os historiadores se tornaram mais sensíveis à possibilidade de utilização dos textos literários e dos mecanismos retóricos para o estudo do poder e da sociedade”¹⁹. Isso é possível frente a uma maior abertura dos pesquisadores a uma crítica das fontes e de novas abordagens, como a antropologia histórica²⁰.

Pode-se defender que a política existiu na Idade Média, mas com outras formas de regimento, outras formas de poder, mecanismos de dominação e cooptação que divergem das atuais práticas existentes. De tal forma também se permite refletir sobre a indissociabilidade sobre cultura de uma dada sociedade e

¹⁶ GUERREAU, Alain. Política/Derecho/Economía/Religión: Cómo eliminar el obstáculo? In: PASTOR, R. (org). **Relaciones de poder, de producción y parentesco en la edad media y moderna**. Madrid: CSIC, 1990.

¹⁷ “si se asume que todo poder es político (o que la política equivale a cualquier relación de poder), entonces, el poder político existiría como un continuo universal que quedaría fuera del análisis histórico” MANCHADO, Ana Isabel Carrasco. La invención de la política en el siglo XII: reflexiones y propuestas desde una perspectiva conceptual. **Anales de la Universidad de Alicante. Historia medieval**, n. 19, 2016, P. 53, grifos nossos.

¹⁸ Sobre este tema e a própria aceção aplicada ao conceito de “sociedade”, ver: HOBBSAWM, Eric. “Da história social à história da sociedade”. In: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁹ SILVA, Marcelo Cândido. A Idade Média e a Nova História Política. **Signum – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais**, v.14, n.1, 2013, p. 99.

²⁰ Sobre uma breve caracterização da antropologia histórica e os domínios de pesquisa contemplados por esta área, ver: SCHMITT, Jean Claude. “L’anthropologie historique de l’Occident médiéval. Un parcours”. Disponível em: <<http://acrh.revues.org/1926>>. Acesso em 1 de setembro de 2017.

suas formas políticas praticadas e vivenciadas, de tal maneira que também se atente para as práticas “simbólicas” do período.

Conforme assinalaram Frank Bosch e Norman Domeier, os “processos de negociação também foram analisados pelas abordagens tradicionais da história política. Entretanto, eles usualmente fizeram analisando indivíduos políticos ou instituições do Estado, sem incorporar suas ações em práticas e discursos mais amplos”²¹. Isso significa apontar para uma maior diversidade e abertura para o âmbito cultural, entendendo-o em intensa interação com o social.

Se a política é redimensionada, ampliando os horizontes sobre a própria aplicabilidade do conceito, é necessário retomar as análises sobre o contexto em que este se desenvolveu. Em relação ao objeto em análise, a conjuntura se atrela à emergência de novos personagens históricos e a conflitos entre grupos, à construção de novas “instituições” e a produção de novas práticas políticas: eis um breve panorama da região centro-norte da Itália.

De acordo com André Luís Miatello, “o sistema comunal italiano caracterizou-se pelo *uso extensivo da retórica* (oratória ou literária) como *instrumento de governo*”²². Como visto anteriormente, acredita-se que o poder e a própria política ultrapassam os limites “institucionais”. Assim, a questão do “governo” se atrela a dada práxis dos próprios personagens históricos que, no objeto em análise, vincula-se à própria atuação de Francisco frente ao Sultão.

Ao analisar a construção da retórica nas comunas italianas, Patrick Gilli apontou que os modelos de pregação franciscanos se aproximavam daqueles realizados através do *exemplum* político²³. Ou seja, caso se retome a proposta de André Miatello, que consiste em afirmar “que houve uma intencional aproximação de ambos os tipos de assembleia (o cívico e o sacro) a ponto de formarem uma única retórica política”²⁴, percebe-se que o “religioso” e o “político” se interligam, formando uma unidade de difícil dissolução.

²¹ “Processes of negotiation were also analysed by traditional approaches to political history. However, they usually did so by examining political individuals and state institutions, without embedding their actions in broader social discourses and practices”. BOSCH, Frank.; DOMEIER, Norman. Cultural history of politics: concepts and debates. **European Review of History: Revue européenne d'histoire**, vol. 15, n. 6, 2008, pp. 579-580.

²² MIATELLO, André Luís Pereira. A política dos sermões ou os sermões na política: a pregação nas cidades comunais da Baixa Idade Média. **Diálogos**, v. 21, n. 1, 2017, p. 97, grifos nossos.

²³ GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália Medieval: séculos XII-XIV**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011, Pp. 364-365.

²⁴ MIATELO, André Luís Pereira. **Op. Cit.**, p. 98.

Não se limitando à pregação das Ordens Mendicantes, os discursos produzidos no período foram utilizados para dirimir conflitos, não necessariamente objetivando a “paz”. Outro exemplo que pode ser evocado foi a atuação de Antônio de Pádua, frade franciscano que, mediante suas pregações, almejou restituir a concórdia no interior da comuna paduana, embora sua atuação preponderasse em benefício ao *popolo*, que comandava as instituições cidadinas do período²⁵.

Desta forma, se uma palavra, uma pregação, um sermão pode convencer os personagens envolvidos, a política se realiza e se concretiza mediante estes mecanismos.

Em uma sociedade que possuía uma “cultura da voz”, para retomarmos a feliz expressão de Paul Zumthor²⁶, a política dialógica, calcada e fundamentada sobre a comunicação, foi edificada com uma finalidade estritamente política, que foi capaz de produzir consequências “morais e sociais”²⁷.

Por fim, concebemos o político neste período entendendo-o como “um conjunto de práticas, discursos e instituições que procuram estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são sempre potencialmente conflituosas”²⁸. Se as disputas entre os diferentes grupos, e aqui tomando os cristãos e os muçulmanos, engendraram em visões negativas sobre estes últimos, por que não pensar que a “pacificação” possuía um fim em si, no caso, a construção da resolução de um conflito por outras vias que não visasse não a paz, mas justamente uma conquista para a cristandade?

Ao contrário de tomar a “paz” como um conceito a-histórico e invariável às diferentes manifestações do social, pode-se pensar, tal como Glenn Kumhera, que o “desejo de paz desejados pelos pregadores foram geralmente consoantes com as

²⁵ Sobre a atuação de Antônio de Pádua no interior da comuna paduana na tentativa de dirimir conflitos, mas também legitimando o *popolo* frente aos antigos grupos da cidade, remete-se ao nosso trabalho de conclusão de curso (TCC): GONÇALVES, Gustavo da Silva. **Super candelabrum: a canonização de Antônio de Pádua nas contendas do duecento italiano (1220-1232)**. 2016. 64f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

²⁶ Cabe salientar que o autor também apontou que foi a partir do século XIII que ocorreu uma progressiva perda da centralidade da voz. Em todo caso, o papel desempenhado por esta e as *performances* que se produziram no período não foram desconsideradas pelo autor. Cf. ZUMTHOR, Paul. Una cultura della voce. In: BOITANI, Piero; MANCINI, Mario; VÁRVARO, Alberto (orgs). **Lo spazio letterario del Medioevo: il Medioevo volgare, v. 1: La produzione del testo, Tomo 1**. Roma: Salerno, 1999.

²⁷ ARTIFONI, Enrico. Retorica e organizzazione del linguaggio politico nel Duecento italiano. In: CAMMAROSANO, Paolo. (org). **Le forme della propaganda politica nel Due e nel Trecento. Relazioni tenute al convegno internazionale di Trieste (2-5 marzo 1993)**. Rome : École Française de Rome, 1994, p. 159.

²⁸ MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, vol. 2, n. 3, 2003, p. 15.

necessidades dos governos em vistas de consolidação do poder"²⁹. Compreendendo as motivações e interesses da Igreja para conduzir e estimular as Cruzadas, cabe perguntar: a partir da análise documental sobre Francisco de Assis, é possível apontar que a "missão" levada a cabo pelo frade possuía outros fins que não a paz? Se sim, quais?

3. Entraves nos campos de batalha e a chegada de Francisco.

Datada de 1213, a convocação da Quinta Cruzada através da bula *Quia Maior* apresentava uma "obrigação moral universal, o infindável escândalo dos cristãos no cativeiro muçulmano e a imediata crise que ameaçava a Terra Santa"³⁰. De tal forma que a decisão de ataque ao Egito foi tomada após o Quarto Concílio de Latrão, em 1215³¹.

Destaca-se a magnitude do processo de recrutamento dos cruzados e o papel desempenhado pela Sé Apostólica para a mobilização de tropas. De acordo com Thomas Smith, "os registros de Honório III prova que o papa esteve em estrito contato com a Cruzada", sendo um dos coordenadores e financiadores da empreitada. Exemplo disso foi a resposta da Sé Apostólica aos combatentes em 13 de agosto de 1218, alegando que a Cúria "continuará a levantar apoio na Europa e estava enviando soldados para Damietta através das cidades portuárias da Itália"³². Nesse sentido, a Cúria Romana esteve diretamente envolvida na organização, financiamento e controle dos combatentes.

É possível que a chegada de Francisco de Assis em Damietta, no Egito, tenha ocorrido em 1219. Em tal momento, as expedições militares estavam acampadas há mais de um ano nas cercanias da cidade. Cabe salientar que a cidade se localizava em um ponto estratégico de acesso ao Cairo, sendo que um dos objetivos dos cruzados

²⁹ "The peacemaking desires of preachers were often consonant with the needs of governments seeking to solidify power." KUMHERA, Glenn. **The Benefits of Peace: Private Peacemaking in Late Medieval Italy**. Leiden: Brill, 2017, p. 164.

³⁰ TYERMAN, Christopher. **A Guerra de Deus - Uma Nova História Das Cruzadas, vol. 2**. Rio de Janeiro: Imago, 2010, p. 755.

³¹ IDEM, *Ibidem*, p. 772.

³² "[...] the curia was continuing to raise support in Europe and was sending crusaders on to Damietta via the Italian port cities". SMITH, Thomas. The Role of Pope Honorius III in the Fifth Crusade. In: MYLOD, E.J.; PERRY, Guy.; SMITH, Thomas; VANDERBURIE, Jan. (Orgs). **The Fifth Crusade in Context: The Crusading Movement in the Early Thirteenth Century**. Londres: Routledge, 2017, p. 5.

era a captura de ambas as cidades em vistas do controle de Jerusalém³³. Logo, a inserção dos combatentes na localidade também adquiria um ponto estratégico de controle da Sé Apostólica.

Neste período os combatentes se encontravam em um momento de dificuldades, incapazes de vencerem o inimigo no campo militar, o que impedia o controle da região. Menciona-se, neste caso, as considerações de John Tolan e de Paul Cobb: enquanto o primeiro autor aponta para a mobilização dos habitantes locais em defesa da cidade egípcia, fazendo com que estes informassem a al-Kamil do iminente ataque³⁴, o segundo afirma que "esta Cruzada, que tinha por objetivo atingir a dinastia Ayyubid em seu âmago, fez com que o reinado, normalmente instável, se unisse na defesa do Egito"³⁵.

Dando crédito a Tomas de Celano, hagiógrafo de Francisco de Assis, estima-se que o frade tenha chegado na região em 29 de agosto de 1219. Pouco tempo depois, em 5 de novembro do mesmo ano, a cidade foi conquistada pelos Cruzados. É possível, portanto, apostar em uma interferência do frade neste combate a partir da construção de uma "política dialógica"?

4. As fontes, o encontro, a missão: Francisco de Assis encontra o Sultão.

O primeiro obstáculo que se encontra para compreender este evento histórico consiste na abordagem da documentação utilizada. De acordo com Amin Maalouf, não há registros no Islã sobre o encontro de Francisco com o sultão al-Malik al-Kamil³⁶. As dificuldades emergem a partir do momento em que se compreende as funções desempenhadas pelas hagiografias, que consiste na edificação de uma santidade. Isto, contudo, não invalida sua abordagem histórica³⁷.

³³ CLASTER, Jill. **Sacred Violence: The European Crusades to the Middle East, 1095-1396**. Toronto: Toronto University Press, 2009, p. 226.

³⁴ TOLAN, John. **Saint Francis and the Sultan: The Curious History of a Christian-Muslim Encounter**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 29.

³⁵ "This Crusade, whose goal had been to strike the Ayyubid dynasty at its heart, in fact caused the normally fractious Ayyubid princes to unite in the defense of Egypt". COBB, Paul. **The Race for Paradise: An Islamic History of the Crusades**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 208.

³⁶ MAALOUF, Alain. **As cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 250.

³⁷ TEIXEIRA, I.S. Literatura, tempo e verdade: o fazer hagiográfico na Legenda Áurea. *História: Questões & Debates*, n. 59, jul/dez. 2013, p. 199.

De tal forma, analisa-se as hagiografias sobre o frade: a *Vita Prima* (1228), a *Vita Brevior* (123?)³⁸ e a *Legenda Maior* (1263), sendo que esta última foi redigida pelo frade e ministro Geral da Ordem, Boaventura de Bagnoregio. Outros documentos e escritos do período também serão abordados, visando também apresentar este encontro não somente a partir do gênero hagiográfico. Como exemplo, pode-se mencionar as cartas redigidas por Jacques de Vitry (1180-1240). Em suas palavras,

O líder desses irmãos, que também fundou a Ordem, veio até nosso acampamento. Ele estava tão inflamado com o zelo da fé que não temia atravessar as linhas do exército inimigo. Por vários dias ele pregou a Palavra de Deus aos Sarracenos, e fez um pequeno progresso. Sultão, o governante do Egito, privadamente pediu à ele para orar a Deus por ele, de modo que ele poderia ser inspirado por Deus a aderir à religião que mais satisfizesse a Cristo³⁹.

Alguns pontos a serem considerados: escrevendo *in loco* durante a Cruzada, Jacques de Vitry não mencionou o nome de Francisco de Assis em tais cartas. Além disso, ainda de acordo com estes documentos, o frade havia realizado pouco progresso. Em todo caso, é possível se questionar sobre “qual progresso” o autor estava se referindo: seria uma tentativa de conversão dos muçulmanos, fazendo com que os cristãos conquistassem a região mediante uma “alternativa não bélica”?

Em todo caso, a esta “sobriedade” se contrasta com a descrição realizada em sua obra mais conhecida, a *Historia Occidentalis*, possivelmente redigida entre 1223 e 1225. Além de apresentar o Sultão como uma “besta selvagem”, assimilando-o ao Anticristo, ainda consta no documento que al-Malik, “temendo que alguns de seus soldados se convertessem ao Senhor pela eficácia de suas palavras e passassem para o exército cristão”, ordenou que Francisco de Assis retornasse ao campo dos Cruzados⁴⁰. Esta mudança na abordagem do ocorrido pode ter ocorrido devido ao

³⁸ Por conta de ter sido recentemente descoberta, não se sabe a data precisa de composição desta hagiografia. É certo, contudo, que o documento foi redigido após 1232, pois apresenta o frade Antônio de Pádua como um santo já canonizado, sendo que sua canonização foi realizada em tal ano mediante a emissão da bula *Cum Dicat Dominus*, de 11 de junho de 1232.

³⁹ “The head of these brothers, who also founded the Order, came into our camp. He was so inflamed with zeal for the faith that he did not fear to cross the lines to the army of our enemy. For several days he preached the Word of God to the Saracens and made a little progress. The Sultan, the ruler of Egypt, privately asked him to pray to the Lord for him, so that he might be inspired by God to adhere to that religion which most pleased God.”. Cf. VITRY, Jacques. Writings of Jacques de Vitry. In: AMSTRONG, Regis.; WAYNE HELLMANN, J.A.; SHORT, William J.; (orgs). **Francis of Assisi - The Saint: Early Documents**. Nova Iorque: New City Press, 1999, pp. 580-581.

⁴⁰ “fearing that some of his soldiers would be converted to the Lord by the efficacy of his words and pass over to the Christian army”. JACQUES DE VITRY. *Historia Occidentalis*. In AMSTRONG, Regis.; WAYNE HELLMANN, J.A.; SHORT, William J.; (orgs). **Op. Cit.**, p. 584.

próprio contexto de produção da obra, já que a Ordem dos Frades Menores já desfrutava de um maior prestígio, bem como Francisco de Assis.⁴¹

As cartas de Jacques de Vitry se aproximam, em certa medida, das hagiografias compostas sobre Francisco. Quando este se referiu ao “zelo da Fé” do frade, é possível que seja uma menção direta à vontade de martírio. Pode-se questionar se a violência física supostamente sofrida pelo frade não possuiu somente um caráter de apontar um sacrifício e da total sujeição preconizada por Francisco, mas também para conferir ao personagem um *status* de herói em vistas ao próprio martírio, temática que persistiu ao longo do século XIII⁴².

No que consiste aos relatos hagiográficos, a *Vita Prima*, primeira hagiografia sobre Francisco e redigida por Tomás de Celano, apresenta o seguinte relato:

Mas não conseguia ainda a paz até que ele pudesse realizar com mais fervor o ardente desejo de sua alma. E por isso, no décimo terceiro ano da sua conversão, partiu para a Síria, e enquanto se combatiam ásperas e duras batalhas entre cristãos e pagãos a cada dia, junto com um companheiro, não hesitou a se apresentar perante o sultão dos sarracenos.⁴³

Além disso, a *Vita Prima* também indica o caráter “heroico” do frade: “Quem vai poder contar a coragem com que se manteve diante dele, a fortaleza com que falou, a eloquência e a confiança com que respondeu aos que insultavam a lei cristã?”. A “política dialógica” baseada no sermão e na pregação adquire, assim, um *status político* baseado na persuasão daqueles que infringiam os princípios cristãos. Outras hagiografias sobre Francisco de Assis também relatam, mesmo que de modo sumário, o encontro envolvendo o frade e o sultão. A *Vita Brevior*, redigida pelo mesmo hagiógrafo entre 1232 a 1239, assinala que o frade “não podia descansar

⁴¹ TOLAN, John. **Op. Cit.**, p. 37. Em todo caso, discordamos do autor quando este defende que “Francisco de Assis já se beneficiava de uma reputação de santidade” em virtude de considerarmos que a construção de uma santidade perpassa para um momento *após* a morte do santo, de acordo com um processo jurídicosocial.

⁴² Tomás de Aquino defendeu que o martírio era “o mais perfeito dos atos humanos, enquanto sinal do mais alto grau de amor”. Sobre o martírio, ver os trabalhos: HOROWSKI, Alexander. Il martirio nella riflessione teologica e nella predicazione dei maestri francescani. **Miles Immaculatae**, Anno LXXII fasc. II, 2016, pp. 216-233. BOE-NAVIDES, Dionathas Moreno. **Pregação e morte: As ordens mendicantes e o martírio no século XIII**. Porto Alegre: WWLivros, 2016

⁴³ “Ma non riusciva ancora a darsi pace finché non potesse attuare ancora più fervidamente il bruciante desiderio del suo animo. E nel tredicesimo anno dalla sua conversione partì per la Siria, e mentre si combattevano ogni giorno aspre e dure battaglie tra cristiani e pagani, preso con sé un compagno, non esitò a presentarsi al cospetto del sultano dei saraceni”. Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vita Prima*. In: CAROLI, Ernesto. (org). **Fonti Francescane. Nuova Edizione**. Pádua: Editrici Francescane, 2004, p. 288.

enquanto *não perseguisse com mais fervor seu abençoado projeto*”, no caso, o próprio desejo de martírio anteriormente mencionado.⁴⁴

A *Legenda Maior*, por sua vez, foi produzida em um contexto de disputas e conflitos no interior da Ordem, destinada a ser a hagiografia “oficial” sobre o frade. No que se refere ao encontro entre Francisco de Assis, o hagiógrafo apresentou Francisco como um “cavaleiro de Cristo”, aproximando-o com um ideal da *militia Christi* preconizado no período, apesar de recusado por Francisco. Pode-se pensar que Boaventura realizou uma menção indireta à Regra Não Bulada de 1221, já que este menciona que os “sarracenos”, ao se depararem com Francisco e seu companheiro, lançaram-se “como lobos em busca de ovelhas lançaram-se brutalmente”.

A maior adição contida na hagiografia foi realizada no momento do encontro, quando Francisco supostamente desafiou o Sultão à “prova do fogo”. No documento se lê que o frade ordenou “acender uma grande fogueira, e eu [Francisco], com os teus sacerdotes, entrarei na fogueira e dessa forma poderá saber qual fé é a mais santa e a mais certa”⁴⁵. Apesar de apresentar um suposto diálogo entre os personagens envolvidos, não é possível identificar quaisquer aspectos pacíficos ou a produção de um diálogo inter-religioso, mas sim de desafio para validar a legitimidade da Cristandade frente o outro. E ainda, se considerarmos o estudo de Roberto Rusconi, a possibilidade desse teste ter ocorrido é ínfima, já que, para o período, o recurso ao fogo era considerado heresia.⁴⁶

Detenhamo-nos, por fim, sobre a *Regra Não Bulada*, de 1221. O documento possui um capítulo dedicado ao encontro com os muçulmanos e as possíveis abordagens de serem realizadas frente a eles. A abertura do capítulo XIV aponta para a possível influência exercida sobre Boaventura anteriormente mencionada, já que se lê: “O Senhor diz: Eis que eu estou lhes enviando como ovelhas no meio dos lobos”. O documento ainda contém outras ordenações:

Portanto, sede prudentes como serpentes e simples como pombas [...] E os irmãos que partirem, poderão viver espiritualmente entre os

⁴⁴ DALARUN, Jacques. **Op. Cit.**, p. 74, grifos nossos.

⁴⁵ Alfonso Marini aponta que a descrição apresentada por Boaventura possui imprecisões. Cf. MARINI, Alfonso. *Storia contestata: Francesco d'Assisi e l'Islam*. **Franciscana. Bollettino della Società Internazionale di Studi Francescani**, vol 14, 2012, pp. 34-35.

⁴⁶ RUSCONI, Roberto. *Francesco d'Assisi e la politica: il potere delle istituzioni e l'annuncio della pace evangelica*. In: MUSCO, Alessandro; MUSOTTO, Giuliana. **I francescani e la politica, Volume 2**. Palermo: Biblioteca Franciscana, 2007, p. 910.

sarracenos e incrédulos de duas formas: O primeiro modo consiste em se abster de argumentos ou disputas, mas ser submisso a toda a criatura por causa do Senhor e reconhecendo-os como cristãos. A outra forma consiste em anunciar a Palavra de Cristo, quando o julgarem agradável ao Senhor, de forma que [os incrédulos] possam crer no Deus Todo Poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Criador de todos, o Filho, o Redentor e Salvador, e seja batizado e se torne cristão por que ninguém pode entrar no reino de Deus sem renascer da água e do Espírito Santo. Eles podem dizer a eles e aos outros essas e outras coisas que agradam a Deus porque o Senhor diz no Evangelho: Quem me reconhecer diante de outros, Eu o reconhecerei diante de Deus. Quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na sua glória, na glória de seu Pai e dos santos anjos. Onde quer que estejam, que todos os meus irmãos se lembrem que se entregaram e abandonaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo. Para o amor de Deus, eles devem tornar-se vulneráveis a seus inimigos, tanto visíveis e invisíveis, por que o Senhor disse: Aquele que perder sua vida por Minha causa será salvo na vida eterna. Abençoados aqueles que sofrem perseguições por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Se eles perseguiram a Mim, também perseguirão a vós. Se perseguirem a vós em uma cidade, fuja para outra. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, insultarem e perseguirem e vos expulsarem e escarnecerem e injuriarem vosso nome como réprobo e falsamente disserem contra vós todo gênero de mal por minha causa. Alegrai-vos e regozijai-vos naquele dia, porque grande será a vossa recompensa no céu. Eu vos digo, meus amigos: não os temam e não tenham medo daqueles que matam o corpo e, depois, não têm mais nada a fazer. Não vos alarmeis. Por vossa paciência salvareis vossas almas; quem perseverar até o fim será salvo⁴⁷.

⁴⁷ Therefore, be prudent as serpents and simple as doves. [...] As for the brothers who go, they can live spiritually among the Saracens and nonbelievers in two ways. One way is not to engage in arguments or disputes but *to be subject to every human creature for God's sake and to acknowledge that they are Christians*. The other way is to announce the Word of God, when they see it pleases the Lord, in order that [unbelievers] may believe in almighty God, the Father, the Son and the Holy Spirit, the Creator of all, the Son, the Redeemer and Savior, *and be baptized and become Christians because no one can enter the kingdom of God without being reborn of water and the Holy Spirit*. They can say to them and the others these and other things which please God because the Lord says in the Gospel: Whoever acknowledges me before others I will acknowledge before my heavenly Father. Whoever is ashamed of me and of my words, the Son of Man will be ashamed of when he comes in his glory and in the glory of the Father. Wherever they may be, let all my brothers remember that they have given themselves and abandoned their bodies to the Lord Jesus Christ. For love of Him, they must make themselves vulnerable to their enemies, both visible and invisible. because the Lord says: Whoever loses his life because of me will save it in eternal life. Blessed are they who suffer persecution for the sake of justice, for theirs is the kingdom of heaven. they have persecuted me, they will also persecute you. If they persecute you in one town, flee to another. Blessed are you when people hate you, speak evil of you, persecute, expel, and abuse you, denounce your name as evil and utter every kind of slander against you because of me. Rejoice and be glad on that day because your reward is great in heaven. I tell you, my friends, do not be afraid of them and do not fear those who kill the body and afterwards have nothing more to do. See that you are not alarmed. For by your patience, you will possess your souls; whoever perseveres to the end will be saved. Não nos deteremos sobre as permissões que eram exigidas pela *Regra* para a pregação. Cf. AMSTRONG, Regis.; WAYNE HELLMANN, J.A.; SHORT, William J; (orgs). **Op. Cit.**, pp. 74-75.

Iniciando o texto com uma menção ao livro bíblico de Matheus 10:16, o documento dava instruções aos frades dos procedimentos a serem adotados frente os muçulmanos. Duas determinações foram estipuladas: a primeira, que se refere à total sujeição dos frades, aparenta ser uma vinculação à própria experiência de Francisco, ao passo que a segunda proposta apresenta uma dimensão “coletiva”, em um período que a Ordem já contava com frades “intelectuais” em seu interior. Será também possível deduzir que o documento foi fruto de uma construção coletiva, também considerando a experiência de Francisco de Assis frente aos muçulmanos?

Em todo caso, é necessário afirmar que em nenhuma das propostas apresentadas há alguma menção à paz ou à construção de um “diálogo inter-religioso”. Ao contrário, a *Regra Não Bulada* ainda apresentava os muçulmanos como *infideles* e *inimici*, aproximando-os com as interpretações que este grupo possuiu no período, também presente na própria *Vita Prima* de Tomás de Celano. Vinculado a tal tema se torna possível verificar que se reconheceu e se legitimou a busca do martírio em tal documento, apontado pela recomendação de não se temer a perseguição promovida pelos “inimigos”.

Desta forma, acredita-se que a missão de Francisco de Assis não desempenhou um papel de pacificação na região. Pensa-se que a sua atuação pode ser abordada a partir de uma dupla perspectiva: em primeiro lugar, julga-se que sua atuação esteve vinculada em uma tentativa de persuadir o inimigo e conquistar influência naquela área, o que possibilitaria uma vitória frente aos muçulmanos por outras vias que não fosse o embate militar. Isso significa que as ações de Francisco de Assis estiveram próximas das conquistas almejadas pela Sé Apostólica, e que sua missão não deve ser desconectada de um amplo movimento de conquista e hegemonia da Cúria Papal em terreno hostil.

Além disso, a busca pelo martírio não deve ser desconsiderada, caso se recorde da importância desta temática no período e para os frades menores. De tal forma, defende-se que não há, tanto por parte de Francisco quanto pelo movimento por ele criado, quaisquer oposições à Cruzada ou à conversão dos muçulmanos: se a renúncia às armas foi uma escolha idealizada e praticada pelos Frades, esta opção deve ser analisada como um tema à parte, uma questão interna ao próprio desenvolvimento da Ordem.

5. Conclusões.

As representações sobre Francisco de Assis ainda exercem grande influência sobre os devotos. Se o passado não está seguro em virtude dos constantes rearranjos operados no presente, tal sentença também se aplica a Francisco, personagem que viveu há mais de oitocentos anos. É em decorrência destas operações que se torna possível criticar a visão de um frade “pacífico”, missionário itinerante que realizou um “diálogo inter-religioso”, contrário ao recurso das armas.

Se o passado é uma ferramenta que intervém e pesa como um fardo no mundo contemporâneo, toma-se a liberdade de adaptar a sentença do filósofo Baruch Spinoza: “No que concerne à minha opinião, esta massa armada não me faz nem rir, nem chorar, mas acima de tudo me motiva a filosofar e observar mais atentamente a natureza humana”⁴⁸. O que se pretende defender com isso? Justamente a tarefa principal dos historiadores: abordar o real a partir de sua materialidade, evitando, de tal forma, a produção de uma abordagem imprópria do passado. O passado é, de acordo com Marshall Sahlins, um país estrangeiro, também regido por outros tempos, outras culturas⁴⁹. Se tal consideração não invalida o papel desempenhado pelos profissionais, pode-se afirmar que serve de advertência para as possibilidades, determinações e limites da abordagem histórica.

Desejou-se apresentar o frade através de seu contexto, entendendo as motivações e os fins almejados em sua missão frente o Sultão al-Malik al-Kamil. A construção da política dialógica, tal como se visou argumentar, foi resultado das experiências comunais do Norte da Itália, que também se vinculou aos mecanismos de pregação e sermão realizados por Francisco e seus seguidores no período. A missão do *Poverello* no Egito não necessariamente se opôs às Cruzadas: ao contrário, almejou-se apresentar que a política dialógica realizada pelo frade foi uma importante peça para o propósito da Igreja no período, já que poucos meses após a missão do frade na região, houve a captura da cidade de Damietta.

Portanto, é um erro considerar que Francisco foi um pacífico missionário se não levarmos em conta o contexto de sua atuação. Caso se defenda tal proposição, é

⁴⁸ “Quanto a me, invece, queste masse armate non mi fanno né ridere né piangere, ma piuttosto mi muovono a filosofare e a osservare più attentamente la natura umana”. SPINOZA, Baruch. apud ONFRAY, Michel. **L’età dei libertini: Contro storia della filosofia III**. Roma: Fazi Editore, 2009, p. 198.

⁴⁹ SAHLINS, Marshall. **História e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 10.

mais propositivo analisar o porquê desta menção, podendo ser um indício de uma situação presente em que a evocação a Francisco foi realizada.

Afinal de contas, é possível perguntar: se a paz vende, quem a está comprando?

BIBLIOGRAFIA.

AMSTRONG, Karen. Foreword. In: HOUSE, Adrian. **Francis of Assisi: A Revolutionary Life**. Hiddenspring: Nova Jersey, 2001.

ARTIFONI, Enrico. Retorica e organizzazione del linguaggio politico nel Duecento italiano. In: CAMMAROSANO, Paolo. (org). **Le forme della propaganda politica nel Due e nel Trecento. Relazioni tenute al convegno internazionale di Trieste (2-5 marzo 1993)**. Roma: École Française de Rome, 1994.

BBC News. **US is 'battling Satan' says general**. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/3199212.stm>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

BERGOGLIO, Jorge. **Devocional com Papa Francisco: Meditações diárias para uma vida com Deus**. São Paulo: Fontanar, 2016.

BOENAVIDES, Dionathas Moreno. **Pregação e morte: As ordens mendicantes e o martírio no século XIII**. Porto Alegre: WWLivros, 2016.

BOSCH, Frank; DOMEIER, Norman. Cultural history of politics: concepts and debates. **European Review of History: Revue européenne d'histoire**, vol. 15, n. 6, 2008.

CLASTER, Jill. **Sacred Violence: The European Crusades to the Middle East, 1095-1396**. Toronto: Toronto University Press, 2009.

COBB, Paul. **The Race for Paradise: An Islamic History of the Crusades**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

DALARUN, Jacques. **A vida descoberta de Francisco de Assis**. Tradução de Igor Salomão Teixeira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

FONTANA, Josep. **Historia: análisis del pasado y proyecto social**. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1982.

GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália Medieval: séculos XII-XIV**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

GONÇALVES, Gustavo da Silva. **Super candelabrum: a canonização de Antônio de Pádua nas contendas do duecento italiano (1220-1232)**. 2016. 64f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. GUERREAU, Alain. Política/Derecho/Economía/Religión: Cómo eliminar el obstáculo? In: PASTOR, R. (org). **Relaciones de poder, de producción y parentesco en la edad media y moderna**. Madrid: CSIC, 1990.

HOBBSAWM, Eric. "Da história social à história da sociedade". In: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOROWSKI, Alexander. Il martirio nella riflessione teologica e nella predicazione dei maestri francescani. **Miles Immaculatae**, Anno LXXII fasc. II, 2016.

JACQUES DE VITRY. *Historia Occidentalis*. In AMSTRONG, Regis.; WAYNE HELLMANN, J.A.; SHORT, William J.; (orgs). **Francis of Assisi - The Saint: Early Documents**. Nova Iorque: New City Press, 1999.

JUDT, Tony. A Clown in Regal Purple: Social History and the Historians. **History Workshop Journal**, Vol. 7, n. 1, 1979.

KUMHERA, Glenn. **The Benefits of Peace: Private Peacemaking in Late Medieval Italy**. Leiden: Brill, 2017.

MAALOUF, Alain. **As cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MANCHADO, Ana Isabel Carrasco. La invención de la política en el siglo XII: reflexiones y propuestas desde una perspectiva conceptual. **Anales de la Universidad de Alicante. Historia medieval**, n. 19, 2016.

MARINI, Alfonso. Storia contestata: Francesco d'Assisi e l'Islam. **Franciscana. Bollettino della Società Internazionale di Studi Francescani**, vol 14, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 239.

MCCLURE, Julia. A New Politics of the Middle Ages: A Global Middle Ages for a Global Modernity. **History Compass**, vol. 13, n. 11, 2015.

MIATELLO, André Luís Pereira. A política dos sermões ou os sermões na política: a pregação nas cidades comunais da Baixa Idade Média. **Diálogos**, v. 21, n. 1, 2017.

MOSES, Paul. **The Saint and the Sultan: The Crusades, Islam, and Francis of Assisi's Mission of Peace**. Nova Iorque: Doubleday Religion, 2009

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, vol. 2, n. 3, 2003.

ONFRAY, Michel. **L'età dei libertini: Controstoria della filosofia III**. Roma: Fazi Editore, 2009.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos participantes na Conferência Internacional em prol da paz**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papafrancesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

PAPA PIO XI. *Rite Expiatis*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_30041926_rite-expiatis.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

RUSCONI, Roberto. Francesco d'Assisi e la politica: il potere delle istituzioni e l'annuncio della pace evangelica. In: MUSCO, Alessandro; MUSOTTO, Giuliana. **I francescani e la politica, Volume 2**. Palermo: Biblioteca Franciscana, 2007.

SAHLINS, Marshall. **História e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

SCHMITT, Jean Claude. "L'anthropologie historique de l'Occident médiéval. Un parcours". **L'atelier du Centre de recherches historiques**, mis en ligne le 19 juin 2010 [<http://acrh.revues.org/1926>]. Acesso em 1 de setembro de 2017.

SILVA, Marcelo Candido. A Idade Média e a Nova História Política. **Signum – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais**, v.14, n.1, 2013.

SMITH, Thomas. The Role of Pope Honorius III in the Fifth Crusade. In: MYLOD, E.J.; PERRY, Guy.; SMITH, Thomas; VANDERBURIE, Jan. (Orgs). **The Fifth Crusade in Context: The Crusading Movement in the Early Thirteenth Century**. Londres: Routledge, 2017.

TEIXEIRA, I.S. Literatura, tempo e verdade: o fazer hagiográfico na Legenda Áurea. **História: Questões & Debates**, n. 59, jul/dez. 2013.

THE NEW YORK TIMES. **THREATS AND RESPONSES; Bin Laden's Message to Muslims in Iraq: Fight the 'Crusaders'**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/02/15/world/threats-and-responsesbin-laden-smessage-to-muslims-in-iraq-fight-the-crusaders.html?mcubz=3>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

THOMPSON, Augustine. The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe. In: PRUDLO, Donald. (org.). **The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies**. Leiden: Brill, 2011.

TOLAN, John. **Saint Francis and the Sultan: The Curious History of a Christian-Muslim Encounter**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

TOMÁS DE CELANO. Vita Prima. In: CAROLI, Ernesto. (org). **Fonti Francescane. Nuova Edizione**. Pádua: Editrici Francescane, 2004.

TYERMAN, Christopher. **A Guerra de Deus - Uma Nova História Das Cruzadas**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

VITRY, Jacques. Writings of Jacques de Vitry. In: AMSTRONG, Regis.; WAYNE HELLMANN, J.A.; SHORT, William J.; (orgs). **Francis of Assisi - The Saint: Early Documents**. Nova Iorque: New City Press, 1999.

ZUMTHOR, Paul. Una cultura della voce. In: BOITANI, Piero; MANCINI, Mario; VÀRVARO, Alberto (orgs). **Lo spazio letterario del Medioevo: il Medioevo volgare, v. 1: La produzione del testo, Tomo 1**. Roma: Salerno, 1999.